



UM ESTUDO ACERCA DA ARGUMENTAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DOS IMAGINÁRIOS DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA

Janayna Rocha da Silva
Universidade Federal Fluminense (UFF/BRASIL)
E-mail: rochajanayna1412@gmail.com

Ilana da Silva Rebello
Universidade Federal Fluminense (UFF/BRASIL)
E-mail: ilanarebello@id.uff.br

Resumo: A argumentação é uma esfera da atividade da linguagem que exerce fascínio no homem desde a Antiguidade. Argumentar faz parte da experiência humana, porque o sujeito, ao tomar a palavra, constrói, por meio de saberes sobre o mundo e de suas crenças, o seu projeto de dizer e, conseqüentemente, visa a alcançar a adesão de seu interlocutor. Neste sentido, a partir do estudo do modo argumentativo, este trabalho tem como objetivo principal investigar quais imaginários sociodiscursivos são criados, em textos que, a princípio, não apresentam uma visada argumentativa, mas apenas uma dimensão argumentativa, acerca da população em situação de rua. Três *posts* veiculados na página *SP invisível* serão analisados - um na parte teórica e dois na seção de análise. Para tanto, a investigação será pautada, prioritariamente, na Teoria Semiológica de Análise do Discurso. Como resultados, espera-se contribuir com o estudo da argumentação e com a discussão acerca dos imaginários que circulam na sociedade a respeito da população que se encontra em situação de rua.

Palavras-chave: Argumentação. Imaginários sociodiscursivos. *Posts*. População em situação de rua.

Abstract: Argumentation is a realm of language activity that has fascinated humans since ancient times. Arguing is part of the human experience because the subject, when speaking, constructs, through knowledge about the world and their beliefs, their project of speech and, consequently, aims to achieve the adherence of their interlocutor. In this sense, based on the study of the argumentative mode, this work aims to investigate which sociodiscursive imaginaries are created in texts that, initially, do not

present an argumentative perspective, but only an argumentative dimension, about the homeless population. Three posts published on the SP Invisível page will be analyzed - one in the theoretical part and two in the analysis section. Therefore, the investigation will be primarily based on the Semiolinguistic Theory of Discourse Analysis. As results, it is expected to contribute to the study of argumentation and the discussion about the imaginaries that circulate in society regarding the homeless population.

Keywords: Argumentation. Sociodiscursive imaginaries. Posts. Homeless population.

Introdução

Há 10 anos, em março de 2014, surgiu a página *SP invisível*, que buscava dar visibilidade a uma parcela da população tão comumente invisibilizada pelo poder público e pela sociedade civil. Essa página, que possui um estilo semelhante ao da americana *Humans of New York*, narra a história de vida de pessoas em situação de rua na rede social *Facebook*. *SP invisível* foi criada pelo jornalista e ativista Vinicius Lima e pelo cineasta e escritor André Soler. Vinicius e André, estudantes à época, participaram de uma ação, organizada pela Igreja Batista da Água Branca, na qual deveriam fotografar tudo o que consideravam invisível na cidade de São Paulo. Após o evento, os jovens chegaram à conclusão de que as pessoas em situação de rua não eram invisíveis, mas as suas histórias. Dessa forma, decidiram começar a contá-las. Em 1º de maio de 2024, a página, no *Facebook*, já estava com 411 mil curtidas e 435 mil seguidores.

Figura 1

Página *São Paulo invisível*



Fonte¹: São Paulo invisível

Segundo a reportagem publicada por Gisele Souza para o site *Tech Tudo*, a empresa *We are social* realizou uma pesquisa na qual revela que a rede social digital mais utilizada pelos brasileiros no

¹ Acesso ao link “São Paulo invisível” www.facebook.com/spinvisivel?locale=pt_BR

ano de 2023 foi o *WhatsApp* – 93,4% dos brasileiros que usam internet, no país, utilizam o mensageiro. Em segundo e terceiro lugares, respectivamente, aparecem o *Youtube*, com 142 milhões de contas, e o *Instagram*, com 113,5 milhões de contas. No entanto, o *Facebook* ainda apresenta números expressivos em terras brasileiras, com 109,1 milhões de usuários ativos, sendo, portanto, quarta rede social digital mais utilizada. Por intermédio do *Facebook*, muitos brasileiros conhecem o mundo, mantêm contatos com os outros e usam essa rede como fonte de notícias.

Como consequência do avanço tecnológico, Recuero (2009, p. 24) aponta que

o advento da Internet trouxe diversas mudanças para a sociedade. Entre essas mudanças, temos algumas fundamentais. A mais significativa (...) é a possibilidade de expressão e sociabilização através das ferramentas de comunicação mediada pelo computador.

A rede social digital, como instrumento de interação, propiciou aos usuários comuns a possibilidade de produzirem conteúdos. Assim, passa-se de consumidor a produtor de informações. A página *SP invisível*, portanto, busca, por meio dos relatos, colocar em cena narrativas que são, muitas vezes, silenciadas, promovendo um ativismo digital. Dessa forma, o trabalho proposto visa a refletir acerca dos relatos postados na página. Para isso, três *posts* serão analisados - um na parte teórica e dois na seção de análise, a fim de pensarmos quais imaginários sociodiscursivos são sustentados a partir da dimensão argumentativa das postagens. Em relação à argumentação, tomaremos como base os pressupostos de Charaudeau (2016), Amossy (2020) e Koch e Elias (2018). No que tange aos imaginários sociodiscursivos, utilizaremos as contribuições de Charaudeau (2015). Por fim, trataremos da parcela imagética a partir de Barthes (1990) e Peirce (2010). Assim, após esta breve contextualização, na próxima seção, iniciaremos o estudo dos pressupostos teóricos, seguido da análise do *corpus*, das considerações finais e das referências, respectivamente.

A ARGUMENTAÇÃO

No nosso dia a dia, estamos sempre argumentando. Quando um aluno justifica para o professor a não realização de um trabalho, quando apresenta razões para um determinado posicionamento ou, até mesmo, quando tem a intenção de convencer uma pessoa a realizar coisas simples, como um passeio A e não B. Koch e Elias (2018, p.23) apontam que “se o uso da linguagem se dá na forma de textos e se os textos são construídos por sujeitos em interação, seus quereres e saberes, então, *argumentar é humano*”. Aliado à essa perspectiva, Breton (2003, p. 19) aponta que

saber argumentar não é um luxo, mas uma necessidade. Não saber argumentar não seria, aliás, uma das grandes causas recorrentes da desigualdade cultural, que se sobrepõe às tradicionais desigualdades sociais e econômicas, reforçando-as? Não saber tomar a palavra para convencer não seria, no final das contas, uma das grandes causas da exclusão? Uma sociedade que não propõe a todos os seus membros os meios para serem cidadãos, isto é, para terem uma verdadeira competência ao tomar a palavra, seria verdadeiramente democrática?

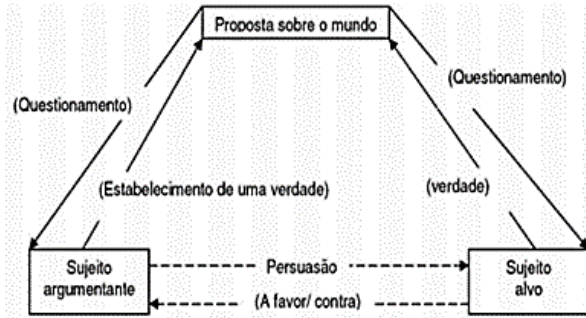
Nesse viés, argumentar faz parte da experiência humana. O sujeito, ao tomar a palavra, constrói, por meio de saberes sobre o mundo e de suas crenças, o seu projeto de dizer e, conseqüentemente, visa a alcançar a adesão de seu interlocutor. Segundo Charaudeau (2016, p. 205), a argumentação deve estar pautada em uma relação triangular, composta de:

- uma proposta sobre o mundo que provoque um questionamento, em alguém, quanto à sua legitimidade (um questionamento quanto à legitimidade da proposta).
- um sujeito que se engaje em relação a esse questionamento (convicção) e desenvolva um raciocínio para tentar estabelecer uma verdade (quer seja própria ou universal, quer se trate de uma simples aceitabilidade ou de uma legitimidade) quanto a essa proposta.
- um outro sujeito que, relacionado com a mesma proposta, questionamento e verdade, constitua-se no alvo da argumentação. Trata-se da pessoa a que se dirige o sujeito que argumenta, na esperança de conduzi-la a compartilhar da mesma verdade (persuasão), sabendo que ela pode aceitar (ficar a favor) ou refutar (ficar contra) a argumentação.

O autor, portanto, define a argumentação por meio de uma relação triangular, na qual, em uma ponta, está o sujeito que argumenta, em outra, uma proposta sobre o mundo e, na terceira ponta, o sujeito que é alvo dessa argumentação. Sendo assim, há uma relação de troca entre os sujeitos e aquele que argumenta que, imbuído de seus imaginários, busca estabelecer uma verdade, fazendo com que o sujeito com quem interage adira à sua proposta. Há sempre, em termos bakhtinianos, o dialogismo, já que a palavra é uma reação à palavra do outro. Portanto, Charaudeau sintetiza em um esquema a relação triangular da argumentação:

Figura 2

Representação triangular da argumentação



Fonte: Charaudeau (2016, p.205)

Dessa forma, argumentar é, para o referido autor, uma atividade discursiva que, por parte do sujeito argumentante, participa de uma dupla busca: a busca de racionalidade, que visa à explicação de fenômenos do universo, e a busca de influência, que visa a atingir o interlocutor, a fim de que ele “compre” a verdade enunciada pelo locutor. Além disso, Charaudeau (2016) também apresenta que toda relação argumentativa é composta por três elementos: uma asserção de partida (dado, premissa), uma asserção de chegada (conclusão, resultado) e uma (ou várias) asserção/asserções de passagem/passagens (inferência, prova, argumento). A asserção de partida é um enunciado acerca de um fato do mundo, já a asserção de chegada é a conclusão realizada a partir da asserção de partida, enquanto a asserção de passagem é a justificativa estabelecida entre a asserção de partida e a de chegada, a partir da relação de causalidade que as une.

Em 15 de junho de 2021, a página *São Paulo invisível* apresenta o relato de Godói, que reproduzimos a seguir.

Figura 3

Relato de Godói

SP Invisível
15 de junho às 11:00

"Já vi gente morrer de frio aqui, não foi uma, nem duas, nem três... Foi todo mundo que eu já conheci. Já vi morrer de fome também, nas ruas tudo isso é normal!

Estou nessa situação por conta de uma desilusão com a vida, com o amor, com a esperança... Meu pai já morreu, minha mãe já morreu, meu avô, primo, todos meus amigos também. Então pra quê voltar pra casa e fingir que está tudo bem? Não está!!!

Já sofri demais nessa vida lidando com tantas perdas, pra mim chega. Prefiro não me apegar às pessoas antes que elas saiam da minha vida... A gente já começa a morrer a partir do momento que nascemos, entende?

As têm medo de mim por eu ser cabisbaixo e isolado, mas isso é só a depressão. Eu sou bonzinho, e se tivesse condições, adoraria ajudar os outros igual vocês me ajudam..."

Jair de Godói, em situação de rua. (Minhocão)

Aqueça um coração neste Inverno Invisível e DOE um kit:
www.spinvisivel.org/inverno

já vi muita gente morrer de frio aqui

não foi nem uma, nem duas, nem três...

foi todo mundo que já conheci

Fonte²: São Paulo invisível

O *post* é o resultado de um ato de linguagem. No espaço externo ao texto, encontram-se os parceiros da troca linguageira: o eu-comunicante e o tu-interpretante, seres sociais. No exemplo em tela, além do jornalista, o Godói também é um eu-comunicante. No espaço interno, encontram-se os sujeitos discursivos: o eu-enunciador (a identidade que o jornalista e Godói assumem no texto) e o tu-destinatário (interlocutor projetado).

Assim, no momento da entrevista, esses papéis de sujeitos se alternam, pois, no início, o jornalista é aquele que comunica e Godói, o que interpreta. Ao tomar a palavra, Godói passa a comunicante e o jornalista, a interpretante e, por isso, o tu-destinatário idealizado pelo Godói, possivelmente, é o jornalista, receptor direto da entrevista.

Pensando na organização discursiva, no relato de Godói, é possível inferir que há o estabelecimento de um raciocínio lógico composto por três elementos: uma asserção de partida, uma asserção de chegada e uma (ou várias) asserção/asserções de passagem/passagens. Assim, a relação argumentativa estabelecida, na macro história contada pela página *SP invisível*, pode ser entendida, por exemplo, como: “pessoas em situação de rua morrem de frio e de fome” (asserção de partida), “Godói é uma pessoa em situação de rua”, “A causa de Godói viver em situação de rua foram as várias perdas que sofreu ao longo da vida”, “Godói tem depressão” (asserções de passagem), “logo, Godói precisa de ajuda, doe um Kit para a campanha de inverno” (asserção de chegada). Nesse viés, é possível compreender que, a partir da história de Godói, busca-se não só humanizar as pessoas em situação de vulnerabilidade social que habitam as ruas de São Paulo, como também evidenciar a importância de se colaborar com a campanha.

Ainda corroborando com o projeto de influência da página *SP invisível*, a micro história colocada em cena apresenta o próprio depoimento de Godói como asserção de partida: "Meu pai já morreu, minha mãe já morreu, meu avô, primo, todos meus amigos também"; como asserção de passagem: "Então pra quê voltar pra casa e fingir que está tudo bem? Já sofri demais nessa vida lidando com tantas perdas, pra mim chega.", e, como asserção de chegada: "Prefiro não me apegar às pessoas antes que elas saiam da minha vida."

Um aspecto que merece destaque aqui é a utilização do discurso relatado. O *eu-enunciador* toma por objeto um outro ato de enunciação. É uma modalidade de discurso complexa, que depende da

² Acesso ao link “São Paulo invisível” www.facebook.com/spinvisivel

posição dos interlocutores, das maneiras de narrar um discurso já enunciado e da descrição dos modos de enunciação de origem. Segundo Charaudeau e Maingueneau (2004, p.176),

[...] Não se cita da mesma maneira em uma revista de física nuclear e em uma conversação, num jornal cujo público alvo é uma elite e em um jornal popular. Para um texto dado, em matéria de discurso citado, pode-se atentar para três grandes direções: (1) *A posição de quem cita e do destinatário: quem cita o quê para quem?* (2) *As diferentes maneiras de citar:* existem múltiplas formas de discurso citado - por exemplo, Charaudeau (1992, p. 622) as reagrupa em quatro conjuntos: “discurso citado”, “discurso integrado”, “discurso narrativizado”, “discurso evocado”. (3) *A maneira pela qual quem cita avalia* o enunciado citado para integrá-lo (dizer “ele finge que” é pressupor que o propósito citado é falso...).

Nesse sentido, “o discurso relatado se constrói ao término de uma dupla operação de reconstrução/desconstrução” (Charaudeau, 2006, p. 163). No *post*, o jornalista faz a reconstrução ao tomar a fala do entrevistado e reintegrá-la em um ato de enunciação maior - *post* da página *SP invisível*. Por outro lado, há ainda a desconstrução, porque o jornalista também tira a entrevista (o dito de origem) de um outro ato de enunciação (entrevista na rua). Nessa perspectiva, o discurso relatado funciona estrategicamente como uma prova para a argumentação que se pretende empreender, pois produz efeito de autenticidade (“Isso foi realmente dito por Godói.”), de responsabilidade (“Foi Godói quem disse isso.”) e de verdade (“Isso fundamenta os propósitos do jornalista: você deve colaborar com a campanha.”).

O *post* em tela não é predominante argumentativo, mas narrativo. Há o relato do Godói. Charaudeau aponta que ‘narração e argumentação revelam duas atitudes diferentes, mas complementares do sujeito falante’ (2004, p.33). Enquanto a narração apresenta uma atitude projetiva, a argumentação apresenta uma atitude impositiva. Na narração, é permitido ao leitor se identificar com os personagens. Assim, ao descrever as qualidades dos seres do mundo e suas ações, o produtor do texto não se impõe ao outro (aquele que recebe a narrativa); pelo contrário, ele apresenta ao seu interlocutor um mundo no qual é possível a sua participação. Em contrapartida, ao produzir a argumentação, o produtor do texto explica o porquê e o como dos fatos, incluindo, dessa forma, o outro – o alvo de sua argumentação – em um certo esquema de verdade. A atitude argumentativa é impositiva porque impõe ao outro o seu modo de raciocínio e seus argumentos. O teórico salienta que “essas duas atitudes se mesclam, se interpenetram em muitos atos de comunicação” (Charaudeau, 2004, p.33).

Como podemos observar, o relato de Godói busca transmitir uma verdade íntima e individual, expondo as dores e os desejos das pessoas em situação de rua. Há um amálgama entre a biografia e a autobiografia. A biografia é um gênero textual no qual o autor narra a história de vida de uma ou mais pessoas. Já na autobiografia, o autor narra a sua própria história de vida. Os *posts* divulgados, na rede

social, são produzidos a partir das ideias e do texto dos jornalistas moderadores da página, contudo partem de conversas face a face entre os moderadores e as pessoas em situação de rua, protagonistas dos relatos. Há uma tentativa de resguardar a autobiografia, já que se busca divulgar as histórias conforme os relatos fornecidos pelos sujeitos que as viveram. Dessa forma, a narração faz com que o leitor se projete no relato narrado e, conseqüentemente, adira ao projeto de dizer construído pela página.

Ruth Amossy, autora cujos postulados também foram adotados nesta investigação, assume o pressuposto de que a argumentação é intrínseca ao funcionamento discursivo, estando na escala de um *continuum* de argumentatividade, que vai desde um confronto explícito de teses à co-construção de uma resposta a uma dada questão e à expressão espontânea de um ponto de vista pessoal. Assim, para Amossy (2008),

cada discurso comporta sua própria situação de enunciação e realiza uma verbalização singular da tese ou do ponto de vista proposto ao auditório. Ele depende ainda de uma estrutura de troca global na qual se realiza a ação de persuasão. Trata-se aqui de tipos de troca argumentativa que, atravessando os gêneros do discurso, modelam a forma como a argumentação funciona num quadro tanto dialogal quanto dialógico (s/n).

A autora, então, defende que o discurso que busca a adesão de uma tese apresenta uma *visada* argumentativa, já o discurso que tem por objetivo modificar a orientação dos modos de ver e de sentir apresenta uma *dimensão* argumentativa. Assim, é preciso distinguir discursos que possuam uma estratégia de persuasão programada dos que visam a orientar os modos de ver dos parceiros. No primeiro caso, o discurso eleitoral ou o publicitário são exemplos flagrantes de discursos com uma clara intenção argumentativa. Já os relatos que constituem o *corpus* de nossa investigação exemplificam o segundo tipo.

Amossy (2008), então, descreve seis modalidades argumentativas. De modo geral, elas são modelos de trocas verbais que determinam como argumentar. São elas: demonstrativa, patêmica, pedagógica, de coconstrução, negociada e polêmica.

No relato de Godói, por exemplo, há a presença, primordialmente, da modalidade patêmica. O texto visa à adesão do leitor à campanha de inverno. Para isso, a narrativa é iniciada com o depoimento de Godói acerca das mortes que ele já presenciou, vivendo nas ruas: “Já vi gente morrer de frio aqui, não foi uma, nem duas, nem três... Foi todo mundo que eu já conheci. Já vi morrer de fome também, nas ruas tudo isso é normal!”. A morte é uma temática que, em nossa sociedade, geralmente, é atrelada a sentimentos como tristeza e dor. Assim, ao enunciar que, nas ruas, muitas pessoas morrem de frio e de fome, busca-se suscitar no leitor a compaixão e a solidariedade, desejando que ele adira à campanha e doe. Ademais, ao construir a imagem de Godói por meio de qualificadores como: ‘cabisbaixo’,

‘isolado’ e ‘bonzinho’, busca-se mostrar um homem solitário que não precisa ser temido, mas ajudado. Há, portanto, a tentativa do rompimento de estereótipos tão comumente encontrados em nossa sociedade acerca da população em situação de rua, produzindo, conseqüentemente, um novo imaginário, tema da próxima seção.

OS IMAGINÁRIOS SOCIODISCURSIVOS

Charaudeau (2015, p. 190) aponta que “o homem tem tanta necessidade da realidade para significá-la quanto a realidade tem necessidade do homem para ser significada”. Nesse sentido, o teórico estabelece uma distinção entre realidade e real significante. A realidade corresponde ao mundo empírico, é um lugar de não significação que se impõe ao homem em seu estado bruto. Já o real significante corresponde ao mundo dotado de significado, ou seja, ao mundo semiotizado por meio da atividade significante em suas diversas operações mentais: denominação, caracterização e explicação.

Partindo dessas considerações, Charaudeau (2017) postula que

o imaginário é uma forma de apreensão do mundo que nasce na mecânica das representações sociais, a qual, conforme dito, constrói a significação sobre os objetos do mundo, os fenômenos que se produzem, os seres humanos e seus comportamentos, transformando a realidade em real significante. (p. 578)

Assim, é por meio dos imaginários que o homem imprime significação ao mundo que lhe é apresentado. Os imaginários são concretizados por meio de enunciados linguageiros. Dessa forma, o teórico os qualifica como sociodiscursivos na medida em que, para ele, o seu sintoma é a fala. Neste ponto, concordamos com Mendes (2010) ao afirmar que o sintoma de um imaginário não é exclusivamente a fala, haja vista que é possível incluir as imagens produzidas ou projetadas por uma determinada sociedade, portanto, o sintoma é verbo-icônico, podendo ser percebido nas manifestações linguageiras, verbais, mas também nas imagéticas que, de forma análoga, constroem e interpretam o real.

Os imaginários sociodiscursivos, portanto, estruturam-se a partir de sistemas de pensamento que são organizados por dois grandes grupos de saberes: os saberes de conhecimento e os saberes de crença. A diferença entre eles é encontrada na relação homem/mundo. Nos saberes de conhecimento, o mundo se impõe ao homem, e os saberes são fundados a partir de uma verdade exterior, portanto, não são subjetivos. Buscam estabelecer uma verdade acerca dos fatos do mundo, propondo explicações sobre os fenômenos que são produzidos nele. Os saberes de conhecimento dão origem a dois tipos de saberes: saber científico e saber de revelação. O saber científico é aquele que é comprovado cientificamente, presente, por exemplo, nas teorias. Trata-se, portanto, de um “saber *objetivante*”, que

independe do sujeito que o enuncia. (Charaudeau, 2022, p. 28). Já o saber de revelação é “completamente fechado em si mesmo, e os discursos que os sustentam se apresentam sob a forma de evidência”, por exemplo, as doutrinas e as ideologias. (Charaudeau, 2022, p. 30) Assim como o saber científico, a fonte de verdade do saber de revelação também é externa ao sujeito.

Nos saberes de crença, o homem se impõe ao mundo, e os saberes são fundados a partir de um julgamento feito pelo homem acerca do mundo, logo, são subjetivos. Buscam avaliar, apreciar, julgar eventos e seres; o pensamento e o comportamento deles, sendo construídos a partir de uma avaliação axiológica. Os saberes de crença também dão origem a dois tipos de saberes: saber de experiência e saber de opinião. O saber de experiência ocorre por intermédio do indivíduo e de sua experiência com o mundo, ou seja, não é comprovado cientificamente, mas por intermédio das vivências do ser. O saber de opinião, por outro lado, é construído por meio de uma avaliação axiologizada. O sujeito não enuncia uma verdade sobre o mundo, mas um ponto de vista sobre as verdades do mundo. Assim, ao passo que o saber de experiência depende de uma experimentação do sujeito, o saber de opinião depende apenas que o sujeito enuncie um julgamento de valor pessoal ou comum sobre os seres ou os acontecimentos do mundo. O saber de opinião produz, assim, a opinião pessoal ou a opinião comum (esta última, no sentido de coletiva).

A seguir, um quadro a partir dos conceitos postulados por Charaudeau (2022):

Figura 4

Saberes de conhecimento e saberes de crença



Fonte: Criação nossa, a partir de Charaudeau (2022).

É importante salientarmos que a linha divisória entre esses dois grandes saberes – de conhecimento e de crença - é muito tênue. Dessa forma, o sujeito pode, para um determinado fim, utilizar um saber no lugar do outro.

Os imaginários sociodiscursivos, portanto, veiculam, por meio de discursos, as imagens/ideias que o sujeito possui acerca do mundo e dos seres que ali habitam. Além disso, é a partir deles que os sujeitos formulam a sua argumentação, tendo em vista que, ao argumentar, o sujeito constrói o seu enunciado por intermédio de sua visão de mundo.

Após essa breve explanação a respeito dos imaginários, como o *corpus* para análise é verbo-visual, na próxima seção, discorreremos sobre a imagem.

A IMAGEM

A polissemia do vocábulo imagem tem sua gênese no termo grego *eikon*, que abarcava todos os tipos de imagem. Neste trabalho, focaremos nas imagens denominadas de “representações”, cuja produção e criação são feitas pelos seres humanos nas sociedades em que vivem, podendo refletir elementos culturais universais, mas também particulares.

As representações visuais são artificialmente criadas, podem ser ou fixas, ou em movimento, ou animadas e necessitam da mediação de habilidades, instrumentos, suportes, técnicas e tecnologias. Para Santaella (2012), há uma diferença entre imagens técnicas e tecnológicas. As imagens técnicas são aquelas cuja produção é realizada pelo homem, a partir de um fazer manual, já as imagens tecnológicas são aquelas cuja criação ocorre a partir da integração de uma máquina e uma técnica.

Santaella (2012) aponta também que as imagens apresentam um caráter duplo, uma vez que representam aspectos do mundo visível, por meio da relação de semelhança. Contudo, nem sempre a imagem reproduz algo que é naturalmente visível. Em vista disso, a autora apresenta três modalidades de imagem no domínio das representações visuais: as imagens em si mesmas, que se apresentam como formas puras, abstratas e coloridas; as imagens figurativas, que se assemelham a algo existente ou supostamente existente no mundo, como as figuras mitológicas; e as imagens simbólicas, que representam significados além daquilo que podemos ver.

As imagens como representações visuais diferem de acordo com a sua finalidade. Assim, a finalidade de uma imagem pode ser, por exemplo, a de ampliar nossa capacidade perceptiva, a de afetar a nossa sensibilidade, a de capturar o nosso desejo pela aquisição de produtos, etc.

De acordo com Charaudeau (2013), a imagem material é construída a partir de uma relação triádica: um mundo, um olhar e uma aparelhagem. Sendo assim, no processo de produção da imagem, há um sujeito que se encontra diante de um mundo em estado bruto e, para captá-lo, utiliza-se de artefatos, construindo, assim, um mundo representado a partir de um enquadramento.

Já no processo de recepção da imagem, há um sujeito que observa a imagem como um mundo representado a partir de um duplo papel: substituição (a imagem substitui o objeto físico) e

Revista Rhêtorikê vol.1 n°10 (2024): Número Especial “Argumentação, Retórica e Análise do Discurso”.

apresentação (a imagem exhibe o objeto). Dessa forma, o sujeito receptor da imagem é convocado a desenvolver uma dupla atividade: a de sentir e a de interpretar a imagem.

Chauradeau (2013) aponta que a relação estabelecida entre a imagem e o mundo pode ser uma relação de semelhança ou de dessemelhança. A semelhança nos dá a falsa ideia de que há uma transparência entre imagem e mundo, ou seja, a imagem seria “uma passagem que daria acesso direto ao mundo e ofereceria a ilusão de poder tocá-lo” (CHARAUDEAU, 2013, p. 385). Já a dessemelhança nos lembra que o que vemos não é o mundo físico, mas um mundo representado, enquadrado, ou seja, uma parte da realidade.

Assim, a relação de semelhança aponta para o visível, enquanto a dessemelhança para o não visível. Segundo Charaudeau (2013, p. 386), “o visível nunca é a totalidade do que o olho vê. Ele é o dado a ver em um quadro”, ou seja, o visível é aquilo que nos é mostrado por meio de um enquadramento que, por sua vez, é realizado a partir de um ponto de vista. Já o não visível é tudo aquilo que se encontra fora desse enquadramento. De acordo com o teórico, “o que está fora do quadro resulta de uma operação de truncamento do visível, fazendo pensar que alguma coisa se encontra no prolongamento do visível, como um visível não presente” (p. 388).

Há de se destacar que o visível é, frequentemente, manipulado, já que aquilo que os nossos olhos veem é apenas uma parte da realidade, e não a sua totalidade. A mídia recorre com certa frequência a essa prática, a fim de provocar determinados efeitos em seu destinatário que, a partir da perspectiva semi-discursiva, são: 1) os efeitos visados, que correspondem à intencionalidade do sujeito comunicante ao produzir o ato comunicativo, seja ele icônico ou verbal; 2) os efeitos produzidos, que correspondem à compreensão do ato comunicativo alcançada pelo sujeito interpretante e 3) os efeitos possíveis, que são o resultado da interseção entre os efeitos visados e os efeitos produzidos.

Essa distinção baseia-se na hipótese de que as intenções do sujeito comunicante podem não ser totalmente percebidas pelo sujeito receptor. Este, por sua vez, construiria sua própria compreensão, de forma que acrescentaria sentidos àqueles pretendidos pelo sujeito comunicante. Assim, com a alteração do receptor, novos efeitos poderão ser acrescentados. Para Charaudeau, essa hipótese pode ser estendida ao texto visual, já que as cores, as linhas, as texturas, os ângulos, etc. são portadores de significados, sendo assim, a imagem também está sujeita a diversas compreensões.

Barthes (1990, p. 32) afirma que “toda imagem é polissêmica e pressupõe, subjacente a seus significantes, uma “cadeia flutuante” de significados, podendo o leitor escolher alguns e ignorar outros”. No entanto, em todas as sociedades, a fim de tornar fixas essas cadeias flutuantes, desenvolvem-se técnicas para combater os múltiplos sentidos que uma imagem é capaz de produzir. O texto linguístico, por exemplo, é uma das estratégias utilizadas. É importante salientarmos que tanto o signo linguístico quanto o signo imagético guardam um sentido literal e outro simbólico. Assim, para

Barthes (1990), a imagem pode ser denotada (a pura representação dos objetos) ou conotada (simbólica). Em relação à significação de imagens fotográficas, no contexto publicitário, o autor ressalta, por um lado, a característica icônica das imagens, visto que elas apontam diretamente para os objetos do mundo real, estabelecendo, a princípio, uma relação de denotação com a realidade representada. Por outro lado, ressalta também a característica de conotação, já que, em contato com os dados da situação comunicativa, com as intencionalidades do sujeito produtor e com os saberespartilhados entre este e seu interlocutor, a fotografia pode adquirir significações que ultrapassam o mundo mostrado, adquirindo valores indiciais e simbólicos.

Outro teórico importante que nos ajuda a pensar a imagem é Charles Sanders Peirce. Para o semioticista, um signo é qualquer coisa de qualquer espécie que representa uma outra coisa, produzindo um efeito interpretativo em uma mente real ou potencial. Desse modo, Peirce estabelece uma relação solidária entre o representâmen (a face material do signo), o objeto (aquilo que é representado) e o interpretante (significado).

A relação triádica estabelecida por Peirce é divisível em três tricotomias: a primeira pensa a relação do signo consigo mesmo, ou seja, nas propriedades internas do signo, no seu poder para significar; a segunda pensa a relação do signo com seu objeto, ou seja, na referência àquilo que ele indica, refere ou representa; já a terceira pensa a relação do signo com seu interpretante, ou seja, nos efeitos que ele está apto a produzir em seus receptores.

Para este trabalho, daremos enfoque à segunda tricotomia, a partir da qual um signo pode ser um ícone, um índice ou um símbolo. O ícone é um signo que se refere ao objeto, estabelecendo uma relação de semelhança. O índice, por sua vez, é um signo que se refere ao objeto, estabelecendo uma relação de contiguidade, de referencialidade. Já o símbolo é um signo que se refere ao objeto, estabelecendo uma relação por meio de uma convenção, de uma associação.

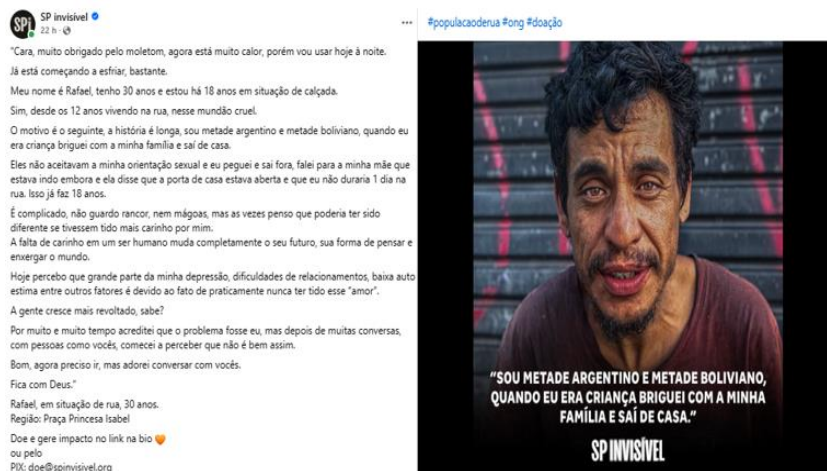
No relato de Godói, o signo imagético é composto por uma colagem de três fotos. Na parcela denotada, vemos Godói vestindo um casaco com capuz preto, sentado sozinho em um sofá. O plano de fundo da composição da imagem nos revela que o sofá se encontra na rua. A imagem, portanto, corrobora com a parcela verbal do texto: Jair é um homem que vive nas ruas. Na parcela conotada, é possível inferir que o signo icônico ‘casaco’ funciona também como índice, pois aponta para o frio da cidade de São Paulo. Novamente, ao final do *post*, há o convite para que o leitor faça uma contribuição financeira para a página *spinvisível*, que se propõe a ajudar as pessoas em situação de rua.

Analisaremos mais dois *posts* da página *SP invisível*, a fim de compreendermos se, a partir da argumentação empreendida, os textos constroem novos imaginários ou cristalizam as imagens já existentes acerca da população em situação de rua.

Os outros dois *posts* selecionados para esta análise foram postados na primeira quinzena de maio deste ano.

Figura 5

Relato de Rafael



Fonte³: São Paulo invisível

Até a data da coleta, a postagem contava com 61 reações, sendo: curtir (41 vezes), força (11 vezes) e tristeza (10 vezes). As redes sociais são um ambiente propício à interação, tendo em vista que alimentam um diálogo entre texto e usuários e entre usuários sobre o texto. No *Facebook*, os *emojis* funcionam como uma reação do usuário à postagem. Dessa forma, a possível emoção sentida pelo usuário, ao entrar em contato com a postagem, pode ser materializada por meio de um ícone. No relato da figura 1, o *emoji* mais recorrente foi o ‘curtir’. Tal reação seria uma forma de reconhecimento no universo das redes digitais, sendo assim, a pessoa que teve contato com a postagem sobre Rafael e realizou o movimento de ‘curtir’ buscou demonstrar uma ‘empatia virtual’, ou seja, buscou estabelecer uma conexão com o outro por meio digital.

Além disso, três comentários foram realizados na postagem, assim como quatro compartilhamentos. Muitas vezes, nos comentários, alguns usuários formulam enunciados como se estivessem dialogando diretamente com as pessoas em situação de rua. Tal ação é reveladora de uma certa identificação com a história narrada, como podemos observar no comentário a seguir:

³ Acesso ao link “São Paulo invisível” www.facebook.com/spinvisivel?locale=pt_BR



meu Deus do céu deus abençoe você

1 d Curtir Responder

O usuário, em um movimento responsivo, ao desejar a Rafael que Deus o abençoe, mostra-se sensibilizado com o relato. Como aponta Feres (2019, p. 21), a narração não é impositiva, mas projetiva, ou seja, por meio dos actantes e dos fatos narrados, é possível que haja a identificação do leitor/usuário e, conseqüentemente, o seu convencimento, pois

a construção textual é preparada para expor dramaticamente fatos, situações, relações pessoais, para que o sujeito interpretante seja não somente afetado pela patemização programada na textualização, mas, indiretamente, convencido de uma ideia, ou ainda levado a agir de uma determinada maneira.

A micro história, ou seja, o próprio depoimento de Rafael é composto por doze parágrafos. O primeiro parágrafo versa sobre o tema do frio na cidade de São Paulo. O segundo e o terceiro parágrafos apresentam informações básicas acerca de Rafael, como o seu nome, a sua idade e o tempo em que está vivendo em situação de rua. Do quarto ao décimo parágrafo, é revelado o motivo de Rafael estar nas ruas e as possíveis conseqüências disso na construção de sua subjetividade. O décimo primeiro e o décimo segundo parágrafos trazem a despedida e a saudação final. Em relação à macro história, ou seja, na postagem realizada pela página *SP invisível*, há mais três parágrafos: um que sintetiza as informações básicas a respeito de Rafael, outro que apresenta a região onde se encontra Rafael e, por fim, um que convoca o leitor a realizar uma doação.

O relato de Rafael, embora seja uma narrativa, apresenta uma dimensão argumentativa, tendo em vista que se busca, por meio da postagem, o fazer ver (levar o leitor a tomar conhecimento da história de Rafael), o fazer crer (levar o leitor a acreditar na história) e o fazer sentir (afetar o leitor com a história). Há a tentativa de convencer o leitor de que existem pessoas invisibilizadas tanto pelo poder público, quanto pela própria população, e que precisam de ajuda. Logo, quando os três efeitos visados (ver, crer e sentir) são suscitados, ou seja, são de fato produzidos, a probabilidade de adesão ao que emana o sujeito argumentante - ‘Doe e gere impacto no link na bio ou pelo pix:doe@spinvisivel.org.br - torna-se maior.

Em relação à macro história, é possível inferirmos que o comunicante cria uma relação argumentativa que pode ser entendida como: “Já está esfriando na cidade de São Paulo” (asserção de partida), “Rafael vive em situação de rua há 18 anos devido a uma briga familiar”/“Por viver, atualmente, nas ruas da cidade de São Paulo, Rafael pode passar frio” (asserções de passagem), “Portanto, doe” (asserção de chegada). Já em relação à micro história, podemos identificar algumas

relações argumentativas, dentre elas: “Sim, desde os 12 anos vivendo na rua, nesse mundão cruel” (asserção de partida), “Sou metade argentino e metade boliviano, quando eu era criança briguei com a minha família e saí de casa” / “Eles não aceitavam a minha orientação sexual e eu peguei e saí fora, falei para a minha mãe que estava ido embora e ela disse que a porta estava aberta e que eu não duraria 1 dia na rua” (asserções de passagem), “A falta de carinho em um ser humano muda completamente o seu futuro, sua forma de pensar e enxergar o mundo” (asserção de chegada),

Em relação aos imaginários sociodiscursivos, tanto na macro história, quanto na micro história, busca-se humanizar Rafael, mostrando que a causa de ele ocupar as ruas foi a não aceitação de sua família em relação à sua orientação sexual. Dessa forma, rompe-se com um dos imaginários presentes em nossa sociedade de que as pessoas se encontram em situação de rua por quererem ou pelo vício em drogas. Além disso, ao enunciar: “Hoje percebo que grande parte da minha depressão, dificuldades de relacionamentos, baixa autoestima entre outros fatores é devido ao fato de praticamente nunca ter tido esse “amor””, nota-se uma busca de conduzir o interlocutor à empatia e à afetividade em relação a um corpo que foi ‘apagado’ pela família, pelo poder público e pela sociedade. Assim, nessa postagem, há uma tentativa de romper com o imaginário vigente acerca desse segmento da sociedade.

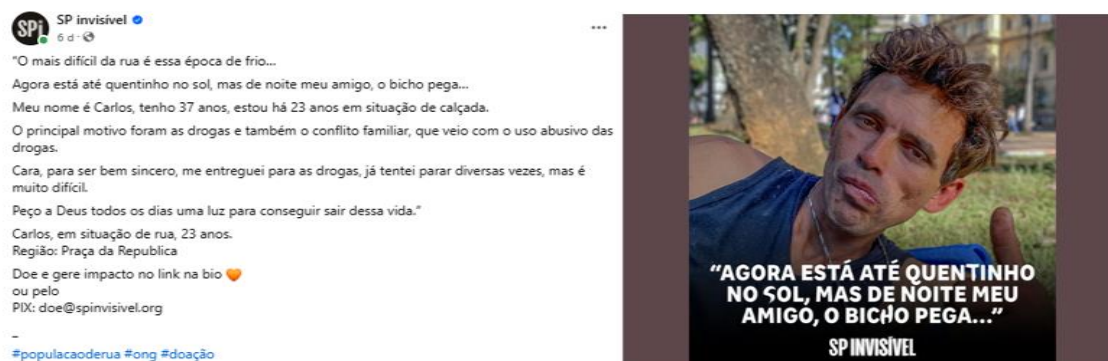
Já em relação à parcela imagética, observamos, em primeiro plano, o elemento fotografado, Rafael. Com o olhar fixo, possivelmente, na câmera, Rafael “interpela” o leitor. É um olhar que busca contato. Rafael está enquadrado em um plano fechado, o que diminui a distância entre ele e aquele que entrou em contato com o *post*. No entanto, o plano fechado produz também uma imagem de abandono, de solidão. A imagem mostra um homem de pele branca bastante marcada e de olhos claros, vestindo uma camisa vinho aparentemente gasta. A impressão que temos é que Rafael foi fotografado, em frente a uma porta de aço de enrolar, possivelmente de um comércio, com pichações, enquanto estava a entrevista. O formato da boca é de alguém que está falando. Todos esses ícones operam por semelhança, fazendo referência ao ser representado.

Ainda sobre a imagem do *post* do Rafael, a aparência da pele aponta para alguém que foi ‘castigado’ pela vida. Tal fato é também corroborado pela parcela verbal do texto. Nesse sentido, para além das relações icônicas, as relações de contiguidade e de causalidade na imagem fotográfica mostram a sua natureza indicial. Sendo assim, a parte imagética e a parte verbal da postagem se complementam, possivelmente induzindo o leitor a acreditar que Rafael precisa de ajuda. O depoimento e a imagem produzem, dessa forma, efeito de veracidade, de autenticidade e de responsabilidade.

O segundo *post* traz o relato de Carlos, também uma pessoa em situação de rua.

Figura 6

Relato de Carlos



Fonte⁴: São Paulo invisível

A postagem, até a data da coleta, obteve 62 reações, sendo: curtir (38 vezes), tristeza (13 vezes) e força (11 vezes). Igualmente ao *post* analisado anteriormente, a ação de curtir predomina. Nessa publicação, a reação de tristeza foi mais recorrente que a de força, talvez pelo fato de os sujeitos estarem nas ruas por motivos diferentes: enquanto Rafael foi para as ruas porque a família não aceitou a sua orientação sexual, Carlos foi para as ruas porque se viciou em drogas. A postagem não obteve nenhum comentário, mas teve quatro compartilhamentos. O compartilhamento nas redes sociais digitais funciona como uma forma de dar visibilidade à informação, expandindo-a. Assim, os quatro usuários que optaram por compartilhar o relato de Carlos divulgaram a narrativa em suas páginas. Recuero (2014, p. 120) salienta que

compartilhar uma informação também é tomar parte na difusão da conversação, na medida em que permite que os usuários construam algo que pode ser passível de discussão, uma vez que é de seu interesse, para sua rede social. O compartilhamento também pode legitimar e reforçar a face, na medida em que contribui para a reputação do compartilhado e valoriza a informação que foi originalmente publicada. Embora tenhamos observado em alguns casos, o compartilhamento para crítica, de um modo geral, o compartilhamento parece ser positivo, no sentido de apoiar uma determinada ideia, um manifesto ou uma mensagem.

⁴ Acesso ao link “São Paulo invisível” www.facebook.com/spinvisivel?locale=pt_BR

Em relação à estrutura do texto verbal, a micro história tem seis parágrafos. O primeiro e o segundo parágrafos abordam a questão do frio. O terceiro apresenta informações básicas acerca de Carlos (nome, idade e a quanto tempo ele se encontra em situação de rua). O quarto e o quinto parágrafos revelam o motivo de ele viver nas ruas de São Paulo. Por fim, o sexto parágrafo apresenta uma súplica do entrevistado. Na macro história, são acrescentados mais três parágrafos: uma síntese das informações acerca de Carlos, o local em que ele se encontra e um convite à doação. Os *posts*, portanto, seguem a mesma estrutura.

A relação argumentativa estabelecida, na macro história, pode ser entendida como: “O frio é o mais difícil para quem vive em situação de rua” (asserção de partida), “Carlos vive nas ruas de São Paulo”/“Carlos encontra-se nessa situação há 23 anos”/“Carlos está nas ruas porque se viciou em drogas” (asserções de passagem), “Logo, Carlos precisa de ajuda. Doe” (asserção de chegada). Há, novamente, uma busca por *fazer saber*, *fazer crer* e *fazer sentir*, visando à adesão do leitor/usuário e, conseqüentemente, a doação.

Em relação à micro história, é possível inferirmos a seguinte relação argumentativa: “O mais difícil da rua é essa época de frio... (asserção de partida), “Agora está até quentinho no sol, mas de noite meu amigo, o bicho pega...”/“O principal motivo foram as drogas e também o conflito familiar, que veio com o uso abusivo das drogas”/“Cara, para ser bem sincero, me entreguei para as drogas, já tentei parar diversas vezes, mas é muito difícil” (asserções de passagem), “Logo, Peço a Deus todos os dias uma luz para conseguir sair dessa vida” (asserção de chegada).

Tanto na macro história quanto na micro história, há uma tentativa de dar voz a quem é, muitas vezes, silenciado. A história de Carlos é atravessada pelas drogas. É possível inferirmos, por meio do relato, algumas ações concernentes à trajetória de Carlos: ele se viciou, brigou com a família por conta do uso abusivo de drogas, foi morar na rua e já tentou parar de usar drogas, mas não obteve êxito. A postagem corrobora com o imaginário corrente, em nossa sociedade, de que as pessoas em situação de rua encontram-se nessa condição devido ao uso de drogas. Contudo, ao tematizar o frio, há uma tentativa de tornar humano quem muitas vezes não é considerado assim.

Em relação à parcela imagética, em primeiro plano, encontra-se Carlos, fotografado em um lugar verde, próximo a uma árvore. A câmera foi levemente inclinada, mantendo-se novamente o plano fechado. O olhar de Carlos, assim como o de Rafael, encontra-se direcionado a um possível leitor/usuário. Tal opção fotográfica pode ser compreendida, portanto, como um convite ao diálogo e à troca. Carlos faz um sinal de positivo com a mão esquerda, nos dando a impressão de que posou para a foto.

A imagem fotográfica, quando representa um ser da realidade, estabelece uma relação icônica, no entanto, quando vemos os olhos pequenos e aparentemente perdidos de Carlos, podemos inferir, a
Revista Rhêtorikê vol.1 n°10 (2024): Número Especial “Argumentação, Retórica e Análise do Discurso”.

partir de uma relação de contiguidade, cansaço. O plano fechado, com o enquadramento apenas do Carlos, mas em um espaço amplo, produz uma ideia de abandono e de solidão, o que também é corroborado pelo texto verbal.

Pelo exposto, nos dois *posts*, os textos, a princípio, se complementam, no entanto, o imagético intensifica a ideia de dor e de abandono e contribui com o projeto de escrita do sujeito comunicante. O texto verbal, por sua vez, desconstrói o imaginário de que a pessoa se encontra em situação de rua por opção e humaniza os seres que são, normalmente, invisibilizados pela sociedade. Nos *três* posts analisados, os sujeitos têm consciência da sua condição social e esboçam desejo de mudança, reforçando que, por trás de corpos sujos e marcados, há histórias de rejeição e de dor que precisam ser ouvidas e compreendidas.

CONCLUSÕES

Objetivamos, neste artigo, a partir do aporte teórico principal da Semiologia de Análise do Discurso, investigar quais imaginários sociodiscursivos foram criados, em três *posts* verbo-visuais que, a princípio, não apresentam uma visada argumentativa, mas apenas uma dimensão argumentativa, acerca da população em situação de rua. Na parcela verbal, o jornalista moderador reproduz, entre aspas, a fala da pessoa em situação de rua, que expõe os motivos que a levaram para rua, atendendo à visada de *fazer saber*. Ao utilizar o discurso relatado, além de *fazer saber*, o eu-comunicante também *faz crer*, pois produz efeitos de veracidade, autenticidade e de responsabilidade.

Assim, nos três *posts* analisados, predomina a narração, que é usada como prova e como estratégia de sensibilização para levar o tu-interpretante a aderir à causa e fazer uma contribuição em dinheiro. Não predomina a atitude impositiva característica da argumentação. Pelo contrário, a visada para *fazer crer* incide sobre a projeção persuasiva que as narrativas engendram. O *fazer sentir*, com a dor e o abandono expressos na parcela verbal, complementados pela parcela imagética, está a serviço do fazer crer, pois a narrativa serve para convencer e incitar o tu-interpretante a tomar uma posição a favor da tese defendida - as pessoas em situação de rua precisam de ajuda.

Junto à parcela verbal, a imagem fotográfica dos seres que, normalmente, são invisibilizados pela sociedade, contribui com a projeção persuasiva. Em um primeiro momento, a fotografia é icônica por representar os seres da realidade, no entanto, ao focar em signos que nos levam a inferir cansaço e sofrimento, também é indicial. Os seres enquadrados estão machucados pelas suas histórias e pela situação em que se encontram. São seres de carne e osso, que também sentem dores. São sujeitos, vítimas. Nesses *posts*, o narrar está a serviço do convencer.

Por fim, nos três *posts*, o eu-comunicante escolhe o que quer mostrar e enfatizar. A parcela visível nos leva a pensar na parte que está invisível, que não foi enquadrada pela mídia. Ademais, os relatos de Jair Godói e de Rafael vão de encontro aos imaginários cristalizados socialmente – o de que o vício em drogas é a causa da situação de rua-tendo em vista que o primeiro ocupa às ruas devido a perdas familiares, enquanto o segundo pela não aceitação, por parte de sua família, da sua orientação sexual. No entanto, o relato de Carlos reafirma esse imaginário. Dessa forma, compreendemos que há uma convivência de imagens nas postagens realizadas pela *SP invisível*. Contudo, é inegável que os três casos revelam a exclusão sofrida por esses indivíduos. Sendo assim, urge refletirmos acerca das imagens que circulam em nossa sociedade no que tange às pessoas em condição de vulnerabilidade social, a fim de não replicarmos movimentos discriminatórios e contribuirmos para a mudança necessária.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, R. As modalidades argumentativas do discurso. In: LARA, G.M.P; MACHADO, I. L.; EMEDIATO, W. (orgs.). (2008). *Análises do discurso hoje*, volume 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

AMOSSY, R. (2020). *A argumentação no discurso*. São Paulo: Contexto.

BRETON, P. (2003). *A argumentação na comunicação*. São Paulo: EDUSC.

BARTHES, R. A retórica da imagem. In: BARTHES, R. (1990). *O óbvio e o obtuso: ensaios críticos*. (pp 27-43). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

CHARAUDEAU, P. A argumentação talvez não seja o que parece ser. In: GIERING, M. E.; TEIXEIRA, M.; (orgs.). (2004) *Investigando a linguagem em uso: estudos em Linguística Aplicada*. (pp. 33-44). São Leopoldo: Ed. Unisinos.

CHARAUDEAU, P. (2006). *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto.

CHARAUDEAU, P. (2013). Imagem, mídia e política: construção, efeitos de sentido, dramatização, ética. In: MENDES, E; MACHADO, I. L.; LIMA, H.; LYSARDO-DIAS, D. (orgs.). (2013) *Imagem e discurso* (pp. 383-405). Belo Horizonte: FALE/UFMG. Disponível em: [imagem.pdf \(ufmg.br\)](#). Acesso em: 03 mai. 2024.

CHARAUDEAU, P. (2015). *Discurso político*. São Paulo: Contexto.

CHARAUDEAU, P. (2016). *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto.

CHARAUDEAU, P. (2017). Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor. Tradução André Luiz Silva e Rafael Magalhães Angrisano. *Revista Entrepalavras*. 7, p.571-591. <http://dx.doi.org/10.22168/2237-6321.7.7.1.571-591>

CHARAUDEAU, P. (2022). *A manipulação da verdade: do triunfo da negação às sombras da pós-verdade*. São Paulo: Contexto.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. (2004). *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto.

Feres, B. (2019). Só acredito lendo: resistência social em contos ilustrados para crianças. *Revista Eletrônica De Estudos Integrados Em Discurso E Argumentação*, 19(2), 18-32. <https://doi.org/10.17648/eidea-19-v2-2348>

KOCH, I.; ELIAS, V. (2018). *Escrever e argumentar*. São Paulo: Contexto.

MENDES, E. (2010). Publicidade e imagem: uma proposta de estudo. In: *Anais do II Fórum Internacional de Análise do discurso: discurso, texto e enunciação*. Rio de Janeiro: Anais. Disponível em: [MENDES, Emilia. Publicidade e imagem.pdf \(ufmg.br\)](#). Acesso em: 01 mai. 2024.

PEIRCE, C. S. Divisão dos signos: ícone, índice e símbolo. (2010) *Semiótica*. (pp.45-76). São Paulo: Perspectiva.

RECUERO, R. (2009). *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina.

RECUERO, R. (2014). *Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook*. Verso e Reverso. 19(68), p.114-124. Disponível em: [Vista do Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook \(unisin.br\)](#). Acesso em 10 mai.2024.

SANTAELLA, L. (2012). *Leitura de imagens*. São Paulo: Melhoramentos.